

II SÉRIE Nº11 FEVEREIRO 1978 Pr.15\$00

REVISTA PORTUGUESA DE

xadrez

Neste número:
• Um artigo de Jacob Estrin
sobre a defesa Grunfeld

TORNEIO DAS AMENDOEIRAS



TELEXADREZ

**PORTUGAL
HOLANDA**

SUMÁRIO

- 178 Editorial
Internacional
- 179 «Rápidas» em Vilamoura
- 180 «Europeu» de Juniores — Ra-
zões de uma classificação
- 182 Defesa Grunfeld — Variante
Taimanov
- 184 Bloqueio: a ruptura
- 185 Campeonato da URSS
- 186 Telexadrez — O match Portugal-
Holanda
- 191 Secção de Consulta
- 192 Xadrez por correspondência —
Portugal bem pontuado
- 194 Para resolver
- 195 Problemas — O jogo anti-dual
- 196 O xadrez e a filatelia

Proprietária e editora: Federação Portuguesa de Xadrez — Sede da redacção e administração: Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.º, Lisboa-1 — Tels. 53 90 27/8.

Director: Simões Nunes — **Corpo redactorial:** Álvaro Pereira, Armando Aragão, José Oliveira (chefe de redacção), José Pereira dos Santos, José de Sousa, Luís Santos, Rui Nascimento, Sobreda Antunes, Tomé Duarte, Vasco Santos, Victor Silva — **Fotografia:** Álvaro Fernandes — **Capa:** Júlio Quirinó, Vítor Cardoso — **Colaboram neste número:** António Pereira dos Santos, António Vilaça, Carvalho e Rego, Fernando Silva, Gonçalo Leal, João Sequeira, Joaquim Durão, Jacob Estrin, Jorge Morgado, Rui Pereira — **Delegação no Porto:** António Cabral, Eduardo Monteiro, Fernando Timóteo, Gomes da Rocha, Henrique Magro, Manuel Matos, Vladimiro Miranda — **Correspondentes:** Faria de Bastos, Pedro Palhares — **Outros colaboradores:** Agostinho Roxo, Américo Costa, Isabel Leal, José de Almeida

Administrador-delegado: Sá Chaves.

Composição e impressão: Gráfica Progressiva de Cacilhas, Lda. — Rua Carvalho Freire, 63-A — Cacilhas — Tel. 275 14 94

Tiragem: 6.500 exemplares

Distribuição: Agência Portuguesa de Revistas

Preço por número: 15\$00 — **Assinatura semestral:** 80\$00 — **Assinatura anual:** 150\$00.

EDITORIAL

Vamos falar claro: a Revista Portuguesa de Xadrez debate-se com dificuldades. Dificuldades que, não sendo insuperáveis, são inequivocamente graves. Estas dificuldades que se têm repercutido ao nível dos prazos de saída de cada número, são de três tipos: de coordenação primeiro, financeiras depois, de apoio redactorial por fim. Tentemos analisá-las:

a) A Revista Portuguesa de Xadrez, é sabido, é mantida por um punhado de gente que trabalha no mais exemplar amadorismo. E se ainda se torna possível pedir aos redactores e colaboradores eventuais que empreguem parte do seu tempo disponível a produzir originais para a R. P. X., se ainda se torna possível solicitar a colaboradores que disponham de duas ou mais tardes por semana para tratar dos assuntos referentes aos assinantes, há certas tarefas que, por exigirem disponibilidades de tempo mais amplas, colocam os voluntários que coordenam a revista em situações de carência de tempo perfeitamente insuperáveis. Assim se explica que em quatro meses a R. P. X. tenha tido, de facto, quatro chefes de redacção diferentes.

b) A venda da revista é diminuta. Embora sem dados exactos pensa-se que a venda avulso andarà por volta de um milhar de exemplares. Os assinantes, por outro lado, ultrapassam em pouco as seis centenas. O défice é portanto grande, agravado ainda com a saída de uma capa a cores. Duas soluções se nos apresentam: o aumento de preço ou o crescimento do número de assinantes. É nesta última hi-

pótese que apostamos, mais, que cada leitor tem que apostar. Os núcleos de xadrez que recebem ou assinam a revista devem, além de promover a difusão da RPX pelos praticantes, angariar junto deles assinaturas da revista. Da resolução desta problema depende, em última análise, a sobrevivência da R. P. X.

c) Um ponto aparentemente de fácil solução mas que tem levantado problemas é o atraso com que redactores e colaboradores entregam os originais. Colocando ainda maiores dificuldades ao coordenador, já que os sucessivos contactos a que o obrigam faz perder bastante tempo, tal atraso é por vezes justificado. O que não é de modo nenhum justificável é o desleixo evidenciado por alguns «craques» da nossa praça, que por vezes assume proporções de autêntico e consciente boicote...

Vamos então assentar em três pontos:

1 — O número de exemplares vendidos tem que aumentar, assim como o número de assinantes tem de crescer. Está nas mãos de cada leitor fazê-lo...

2 — Vamos tentar resolver o problema da coordenação de vez. Isso é viável, mas não é possível definir prazos...

3 — Há que exigir um esforço de todos os redactores para que não atrasem a entrega de originais.

Temos enfim que convencer-nos todos (os que fazem e os que lêem) de que a RPX nos exige sacrifícios e boa vontade. E depois, optar.

GONÇALO LEAL

INTERNACIONAL

Dzindzighashvili vence em Hastings

Dzindzighashvili, de Israel, venceu o tradicional torneio inglês de Hastings, à frente do ex-campeão mundial Petrosian, do húngaro Sax e do ex-candidato Hort. Boa actuação do britânico Mestel, a fazer esquecer a ausência dos seus compatriotas Miles e Keene, e algo decepcionante a do soviético Sveshnikov.

1.º Dzindzighashvili (IL) — 10 1/2; 2.º /3.º Petrosian (URSS) e Sax (Hung) — 9 1/2; 4.º Hort (Che.) — 9; 5.º Mestel (Ing) — 8 1/2; 6.º Tarjan (EUA) — 8; 7.º Sveshnikov (URSS) — 7 1/2; 8.º Speelman (Ing) — 7; 9.º/10.º Nunn (Ing) e Shamkovitch (EUA) — 6 1/2; 11.º/12.º Fedorowicz (EUA) e Webb (Ing) — 5 1/2; 13.º Tisdall (EUA) — 4 1/2; 14.º/15.º Botterill (Gales) e Kagan (IL) — 3 1/2.

Filipinas campeã da Ásia

Enquanto a forte equipa filipina dominava com relativa facilidade, a China Popular firmava-se como a segunda melhor equipa asiática, deixando atrás de si a Indonésia, a Austrália e a Nova-Zelândia.

Engénio Torre fez a melhor percentagem no 1.º tabuleiro, com 5 vitórias e 2 empates, mas a melhor actuação terá pertencido ao chinês Chi-Ching-hsuan, que jogou todos os encontros, alcançando 6 vitórias e 3 empates. Seria interessante vê-lo jogar torneios mais fortes.

1.º Filipinas, 30 1/2; 2.º R. P. China, 26 1/2; 3.º Indonésia, 23 1/2; 4.º Austrália, 22 1/2; 5.º Nova-Zelândia, 22; 6.º Singapura, 18 1/2; 7.º Índia, 15 1/2; 8.º Tailândia, 11 1/2; 9.º Malásia, 8; 10.º Nova-Guiné, 1 1/2.

« Rápidas » em Vilamoura

● Vitória de José Pereira dos Santos

Decorreu em Vilamoura (Algarve), nas instalações do Hotel D. Pedro, um torneio de partidas rápidas, o qual contou com a presença de 24 jogadores espanhóis e 36 portugueses, tendo quase todos os participantes a estadia paga.

Convém recordar que, no ano passado, teve lugar, também em Vilamoura, um outro torneio de «rápidas», embora no Golf Hotel. No entanto, o pessoal ligado à organização teve muito de comum em ambos os casos, assim como os convidados para este último foram, entre outros, os melhores classificados do ano anterior. As condições de participação eram também as mesmas: as deslocações foram por conta de cada participante (isto os portugueses, pois os espanhóis tinham também as viagens pagas, por motivos de publicidade turística, disseram-me mais tarde) e a estadia e alimentação dos jogadores convidados foram oferecidas pelo Hotel D. Pedro, mas apenas para os atletas convidados. Claro que eu, como qualquer outro participante, me sentia bastante arredado dos numerosos problemas da exclusiva competência da organização da prova e portanto tratei de me ambientar, pois, além do mais, o tempo estava bom, contrariamente ao que tinha sido previsto pelo Boletim Meteorológico. De tal modo o consegui que, um quarto de hora após a chegada, já lamentava a falta do meu fato de banho...

Por volta das 19 horas de sábado, foi servido um «cocktail» aos jogadores e seus (suas) acompanhantes. Ai começaram as desventuras de um pobre jogador! Ele, que vinha com a ideia de aplicar a fundo as suas capacidades, e portanto só deveria tocar em água, é vencido pela gula e resolve provar. Pega hesitante na taça, e descobre que «aquilo» não era mau de todo. Satisfeito, prova outras bebidas diferentes... Copos mais tarde, o jogador diz categórico: «Quero mais! (hicl)» (ver «Astérix, o Gaulês»).

Seguiu-se o jantar, estilo Self-Service: cada um vai tirando para o seu prato algumas das numerosas iguarias apresentadas. O jogador, desabituaado e confuso, tira de tudo. Assim, deita no mesmo prato atum, batatas fritas, cebola, um bocado de frango, etc., etc... E de tal forma etc., que o prato ficou com um aspecto nitidamente piramidal. Comer aquilo tudo é que foi outra história... Com problemas de consciência, o jogador em causa desta vez bebeu apenas um refrigerante.

Por volta das 22 horas, começou a primeira fase do Torneio. Os participantes foram divididos por 6 séries, sendo os 3

primeiros de cada uma apurados para disputar o 1.º ao 18.º lugares, os 3 seguintes do 19.º ao 36.º, etc.

O jogador de que esou a falar «dá» damas (hicl), «come» reis, etc. (o habitual nestes casos...). Entretanto, a luta pelo apuramento torna-se acesa, tendo a organização demonstrado bastante firmeza na resolução de pequenas questões sem importância — os contendores, neste caso, ouviram-se até ao 8.º andar do Hotel (o que também é costume).

Na manhã seguinte, após o pequeno-almoço, disputou-se a final, tendo ganho bem José Pereira dos Santos (ver classificação final).

De registar que, paralelamente, se realizou um torneio feminino, que foi ganho pela esposa do 4.º classificado da geral, Palacios, espanhola de nascimento. Em segundo lugar ficou, no entanto, uma portuguesa.

Uma animadíssima sessão de entrega de prémios encerrou a realização.

RESULTADOS FINAIS

SÉRIE A

- 1.º José P. Santos 13,5 pontos (em 17)
- 2.º Luís Santos, 12 pontos
- 3.º António Fernandes, 12 pontos
- 4.º Ernesto Palacios, 11,5 pontos
- 5.º João Sequeira, 11 pontos
- 6.º R. Portillo, 10,5 pontos
- 7.º Rib. Fernandes, 10,5 pontos

SÉRIE B

- 1.º Ant. P. Santos
- 2.º Fernando Sequeira
- 3.º Horácio Neto

SÉRIE C

- 1.º Joaquim Aníbal
- 2.º Álvaro Fernandes

JORGE MORGADO

50.º ANIVERSÁRIO
DA FEDERAÇÃO
PORTUGUESA DE
XADREZ

medalha comemorativa



ANVERSO



REVERSO

Tiragem 500 ex. NUMERADOS
(BRONZE)

Módulo 70 mm

PREÇO 250\$00

(Porte não incluído)

Os pedidos poderão fazer-se para a Federação Portuguesa de Xadrez, Rua da Sociedade Farmacêutica, 56-2.º, Lisboa-1, devendo ser acompanhados da importância respectiva em cheque, vale do correio ou dinheiro, acrescida de 20\$00 para porte do correio.

Razões de uma classificação

A propósito da sua participação no Campeonato da Europa de Juniores, J. P. Santos tece algumas considerações sobre o panorama do nosso xadrez e sobre o decurso da prova

Portugal tem o orgulho de ter os seus próprios métodos. Vejamos as Olimpíadas. Temos participado regularmente nesta competição internacional com resultados, em geral, muito pouco satisfatórios. Mas, procurando não ferir a nossa vaidade, não nos vergamos perante o facto consumado, procurando rectificar um possível e natural erro. Pelo contrário, tudo fazemos para justificar ao Mundo e a nós próprios um resultado que não nos agrada. Alimentamos continuamente a ideia da vitória moral, da injustiça, da falta de sorte, etc. E tentando salvar a honra, o prestígio, ficamos pela mediocridade.

Procurando suprir as deficiências evidentes no nosso xadrez, as sucessivas direcções federativas foram escolhendo a equipa nacional de uma forma curiosa: usando o dedo! Sistemáticamente, apresentávamos nessas competições a mesma meia-dúzia de jogadores, com insignificantes alterações, dos quais alguns, já gastos, poucas possibilidades tinham de evolução. Caía-se num círculo vicioso: sem experiência não se joga (podemos ficar mal!), sem jogar não temos experiência (pois ela adquire-se jogando e, sobretudo, perdendo). Incapazes de sacrificar (se é possível aplicar tal palavra!) uma classificação a troco de conceder rodagem a novos jogadores, de abrir caminho a uma série de jovens potencialmente capazes de uma evolução que se deseja, já que «o primeiro milho é dos pardais».

Felizmente que nos últimos anos algo mudou, inclusive a Federação, mas são ainda escassas e esporádicas as representações nacionais...

As Olimpíadas foram apenas um exemplo, pois poderamos focar qualquer outra representação portuguesa.

Um único comentário para o meu primeiro torneio internacional. Excelente o 21.º lugar! Pela oportunidade que representou para mim. Pessoalmente, esperava mais, muito mais, mas teria de perder mais tarde ou mais cedo (quanto mais cedo melhor). Perderei mais vezes ainda, se tiver oportunidade para tal.

De tudo fiz: 4 vitórias, 4 empates e 5 derrotas. Comecei mal, com duas derrotas e dois empates, chegando a estar classificado em 31.º. Como já esperava, ressentí-me da minha inexperiência, perdendo boas posições. Recuperei, ganhando, três jogos, e alcançando o 10.º posto. Sol de pouca dura. Não dispuz das possibilida-

des de alguns, que actuavam com «segundos». Embora sem dispôr de pontos de referência, julgo que isto influenciou a minha actuação.

Jogou-se forte e duro, hábito que em Portugal não existe. Sequência de resultados:

0 0 ½ ½ 1 1 1 ½ 0 ½ 0 1 0

KASPRET (Áustria) - J. P. SANTOS
Grünfeld

1. d4 Cf6 2. c4 g6 3. Cc3 d5 4. Cf3 Bg7 5. Db3

Um dos sistemas mas correntemente usados contra a defesa negra. Fazendo pressão sobre d5 as brancas colocam as pretas num dilema: ou trocam os peões, sendo o centro, ou defendem o seu peão de dama com c6, o que implicaria um jogo demasiado passivo;

5... dxc4

Adoptando a linha normal que busca no jogo activo de peças e na posição exposta da Dama branca o contrajogo necessário para a cedência do centro;

6. Dxc4 0-0 7. e4 a6 8. Db3 b5 9. Be2 Bb7 10. e5 Cd5 11. a4?

Tentativa prematura de ganhar um peão em detrimento do necessitado desenvolvimento. Precisando como precisava de ganhar uma partida, este lance veio ao encontro dos meus intuítos agressivos:

11... c5

Uma hipótese muito boa consistia em 11... b4, com a possível continuação 12. Cxd5 Bxd5 13. Dxb4 c5! 14. Dxc5 Cc6 e o activo jogo de peças em conjugação com a vantagem de desenvolvimento é compensação sobrada pelos peões. Jogadas tais como Tc8 e Bxf3 poderiam causar muitos calafrios a Kaspret.

12. axb5

Se 12. dxc5 segue, com mais força ainda, 12... b4! 13. Cxd5 Bxd5 14. Dxb4 Cc6.

12... cxd4 13. bxa6

Ameaçando o bispo que não tem fuga satisfatória, amarrado como está à defesa do Cavalão.

13... Ta7!

O lance que mais prazer me deu em todo o Torneio. Incita à continuação da partida, pois 14. Cxd4 perde o peão de g2 e depois de Cxc3. Interessante era agora 14. Ta4!

14. Cb5 Txa6 15. Txa6 Cxa6 16. 0-0

O peão d4 é intocável pois Da5+ era

um movimento extremamente desagradável: 16. Cbx4 Da5+ 17. Bd2 Da1+ 18. Dd1 Dxb2 ou 18. Bd1 Cc5.

16... Cc5 17. Dc4 Cd7 18. e6.

Esgotadas pela defesa forçada, que lhes consumiu muito tempo, as brancas, daqui em diante, precipitam-se várias vezes, perdendo rapidamente. Era melhor 18. Cbx4 Cxe5 com vantagem negra, embora difícil de concretizar. Contra 18. Dxd4 segue 18... Db8!. O lance jogado aumenta largamente as chances de ataque das pretas, abrindo a coluna f para a torre e permitindo ao peão f comportar-se como gazuá, com e5-e4.

18... fxe6 19. Cg5?

Melhor era 19. Cbx4 Db6.

19... Db6 20. Dd3 Cf4 21. Bxf4 Txf4 22. Dh3 Cf8 23. Bc4 Tf5 24. Cxe6!

A melhor hipótese. Se Bxe6+, segue Cxe6 25. Dxb7+ Rf8.

24... Cxe6 25. Te1?

Apurado pelo tempo perde a possibilidade de complicar a partida com 25. Cc7! Dxc7 26. Bxe6+ Rh8 27. Bxf5 gxf5 28. Dxf5 Dc6, muito embora o par de bispos e o peão d4 garantam a vitória ao adversário.

25... Bd5 26. Bxd5 Txd5 27. Txe6 Dxb5 28. Txe7 Dc6 29. g3 d3 30. Te6 Dd7 0-1.

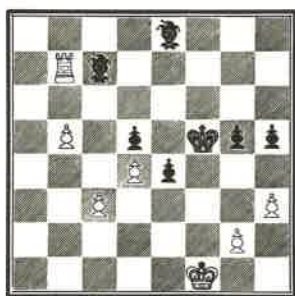
Incluí na minha preparação para o torneio a mentalização inerente ao facto de ser português, o que traz vantagens e desvantagens; e do controle das últimas dependia a minha classificação. Julgo que não me saí mal de todo, mas uma surpresa esperava-me. Vantagem: conhecendo a fama (má) que rodeia os representantes portugueses, competia-me explorar a displicência que certamente iria apoderar-se dos meus adversários. Desvantagem: como consequências dessa mesma fama, era forçado a jogar uma série de posições igualadas durante horas, pois os meus adversários julgavam-me incapaz de aguentar a igualdade. Tal facto arrasou-me fisicamente ao longo do Torneio. Logo na segunda sessão, uma derrota em 90 lances afigurou-se-me particularmente desagradável. Analisando no entanto o meu jogo, não tenho que me queixar, pois, estando bem nos finais, aguentei a tempestade. Mas...

Inabituações a jogar todos os dias, os portugueses ressentem-se, salvo raras excepções, deste tipo de torneios. A uma boa partida sucedia-se uma curiosa queda

livre, que culminou com dois «duplos» de cavalo, um dos quais responsável pela minha derrota com o francês, na 11.ª ronda. Conclusão: teremos de nos preparar, tanto moral como fisicamente, para tais eventualidades. Mas a vingança é doce!

MOKRY (Chescolováquia) - J. P. SANTOS

Na sequência do que já disse, tive de aguentar nesta partida com a persistência do meu adversário em jogar uma posição igualada. O meu erro não se fez esperar, e perdi qualidade. Rapidamente adoptei a mesma tática, e, como errar é humano, o meu oponente fraquejou, e pude equilibrar a partida. Atingimos o primeiro adiamento da partida na seguinte posição:



41. Txc7 Bxb5+ 42. Rf2 h4! 43. Re3 Rf6 44. Tc8 Ba6 45. Ta8 Bc4 46. Ta1 Rf5 47. Tg1 Bd3 48. g3 hxg3 49. Txc3 Bb5 50. Tg2 Rf6 51. Th2 Bc4!

Durante todo o jantar Mokry, tentara fazer-me ver, com a ajuda de Rivas, que a minha posição não tinha esperanças. Sustentavam que 51... Be8 52. h4 gxh4 53. Txx4 Bg6 era forçado e, partindo desta base, forçavam-me rapidamente a uma posição de *zugzwang*, preparando c4 54. Rf4 Bf5 55. Th6+ Bg6 56. Rg4 Rg7 57. Rg5 Bf5 58. Th1 seguido de Ta1 e Ta7+ 52. h4 gxh4 53. Rf4 Re7! 54. Txx4 Rd6 55. Th1 Bd3 56. Te1 Bc4 57. Tb1

Todo o plano das brancas se baseia em forçar o rei preto a deslocar-se, permitindo Re5. Logo...

57... Rc6!

A mais eloquente maneira de provar que tal posição é empate.

58. Re5

Após 40 minutos de reflexão.

58... e3

Propus empate...

59. Rxe6...

que de pronto foi recusado...

59... e2

e adiámos pela segunda vez.

Durante toda a noite, o Checo, com riscos de danificar o material existente na sala, ia dando violentos murros na mesa. Únicas e persistentes palavras: **No draw** (empatar não). O peão e2 força as brancas a uma constante vigilância. Uma hipótese consiste no sacrifício de qualidade em e2, mas o final de peões resultante fica empatado: Rd2, Te1, rei preto em d6. Com 1. Txe2 Bxe2 2. Rxe2 Re6 as pretas, mantendo a oposição ao longo do

tabuleiro, exasperam o adversário: 3. Rf3 Rf7 4. Rg4 Rg6 ou 3. Rd3 Rd7 4. Rc2 Rf6 5. Rb3 Rb5. A outra hipótese seria forçar o *zugzwang*. Por exemplo: Rd2 Rd6 — 1. Tb4 com a intenção de sacrifício em c4, mas as pretas têm sempre o sorridente lance 1... Bd3. O meu adversário resignou-se e empatou.

Na última jornada defrontei o recente vencedor do «Mundial» de Cadetes, J. Arnasson.

J. P. SANTOS - J. ARNASSON (Islândia) Inglesa

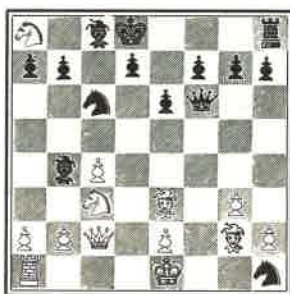
1. d4 Cf6 2. c4 e6 3. g3 c5 4. Cf3 cxd4 5. Cxd4 Bb4+ 6. Cc3 Ce4 7. Cdb5 Df6

Após uma hora de reflexão, o meu adversário decidiu complicar a partida, pois lances normais conduziram a uma rápida desvantagem com Bg2 e 0-0, tornando o 5.º e 6.º lances negros isentos de objectivo.

8. Dc2! Cxf2

Se 8... Dxf2+ 9. Rd1, com as ameaças Cxe4 e Cc7+.

9. Cc7+ Rd8 10. Cxa8 Cxh1 11. Be3 Cc6 12. Bg2?



O plano de qualquer dos jogadores consiste em dar cabo do cavalo adversário. Mas algo mais existe: a posição débil do rei negro em d8. É quase crónico um erro meu nesta posição. Já contra Rui Pereira perdi uma partida com um erro grosseiro depois de refutar as suas ideias agressivas. 12. Dd2! De5 (planeando a caça ao cavalo) 13. 0-0-0! (combinando o desenvolvimento com a ameaça ao intruso em h1; a ideia é Bf4 sem temer Dd4) 13. ... Bc5 (jogada de trunfo do meu adversário, mas...) 14. Bf4 Dd4 15. Dxd4 Bxd4 (se Cxd4 16. Ce4) 16. Txd4! e 17. Bg2, devendo-se as pretas preparar para sofrerem um ataque ao rei.

12... De5 13. Dd2

Já é tarde.

13... Cxg3 14. Bf4

E as pretas ganham contra qualquer jogada. Como exemplo apresento 15. Bxe5 Cxd2. 16. Bxc6 Cxc4! 17. Bxg7 Tg8 18. Bf6+ Be7 19. Bxe7+ Rxe7, ganhando com a ameaça Tg1+. O resto é pura agonia...

15. Bxe4 Bxc3 16. bxc3 Dxe4 17. Bc7+ Re8 18. Bd6 f6

Não 18... Dh1+?? 19. Rf2 Dxa1 20. Dg5! f6 (contra Cc7++). 21. Dxg7.

19. 0-0-0 Rf7 20. Tf1 Dxc4 21. Dg5 Dxc3+ 22. Rb1 De1+ 0-1

A corrida ao prémio da beleza não foi grande. Os jogadores, imbuidos de espírito prático preferiram ganhar feio a perder bonito. Uma única excepção: Pasman. A ele pertenceu o prémio.

PASMAN (Israel) - GEORGIEV (Bulgária) Veresov

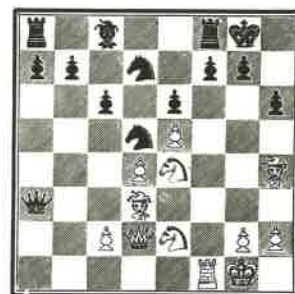
1. d4 Cf6 2. Cc3 d5 3. Bg5 c6 4. f3 Db6 5. Dd2 Dxb2 6. Tb1 Da3 7. e4 e6 8. Bd3 Da5 9. Cge2 h6 10. Bh4 Cbd7 11. 0-0 dxe4 12. fxe4 Bb4

Mau grado o peão a mais as negras estão mal, com enormes problemas de desenvolvimento que as brancas aproveitarão para um magnífico ataque.

13. a3 Bxa3 14. Ta1 Db4 15. e5 Cd5 16. Txa3!

Acabando com a única peça capaz de defender eficazmente as casas negras e o rei adversários.

16... Dxa3 17. Ce4 0-0



18. Cf6+! C7xf6

Se gxf6 19. exf6! e as pretas sucumbem à ameaça Dxxh6.

19. exf6 e5

Procurando desesperadamente ar para as suas peças.

20. fxg7 Rxg7 21. dxe5 Dc5+ 22. Rh1 f5

Contra 23. Bf6+ Cxf6 24. exf6+ Rg8 25. Dxxh6

23. exf6 e.p. Cxf6 24. Df4 Cd5

Ou 24... De7 25. Dg3+ Rh8 26. Dg6

25. Dg3+ Rh8 26. De5+ Rg8 27. Dg3+ Rh8 28. De5+ Rg8 29. Dg3+ Rh8 30. De5+ ½ - ½

O xadrez é um jogo prático. Depois de conduzir o ataque de uma forma brilhante, as brancas vêem-se forçadas a empatar devido ao tempo que as apurava. A decisão (acertada) não tira o mérito à partida que, mesmo assim, foi galardoada com o prémio. 26. Te1! (evitando o mate na oitava e preparando a entrada da torre em jogo) ganhava o jogo de maneira espectacular. 26... Bf5 continua impraticável devido a 27. De5+. Por outro lado 26... Ce3 perde contra 27. Cf4! e 26... Tg8 segue 27. De5+ Tg7 28. Cf4!

Que se analise e se chegue à mesma conclusão que Georgiev: «há dias felizes...»

JOSÉ P. SANTOS

Defesa Grunfeld

— variante Taimanov

Iniciamos neste número a apresentação de um extracto de um livro a ser publicado na URSS sobre a defesa Grunfeld, da autoria do actual Campeão do Mundo da modalidade por Correspondência, Jacob Estrin (texto teórico) e do ex-Campeão Mundial Miguel Botvinnik (partidas comentadas). O artigo foi amavelmente cedido por Estrin à R. P. X., através do MI J. Durão durante a sua recente visita à URSS

1. d4 Cf6 2. c4 g6 3. Cc3 d5

A

4. Bg5

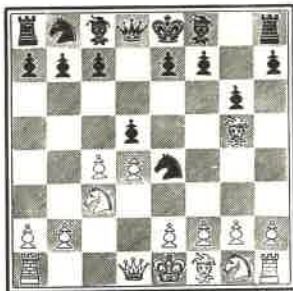
As brancas tentam forçar as negras a abandonar o centro. Este lance foi jogado pela primeira vez na partida Alekine-Grunfeld, Viena 1922; as negras encontraram a melhor resposta 4... Ce4!

4. Cf3 Bg7 5. Bg5 é analisado em B.

4... Ce4!

4... c6 não é bom; as brancas têm melhores perspectivas com 5. Bxf6 exf6 6. cxd5 cxd5 7. Db3 Cc6 8. e3! (e não 8. Dxd5 Db6! com contra-jogo negro).

4... dxc4 não é suficiente; as brancas têm vantagem depois de 5. e4 Bg7 6. Bxc4.



Agora as brancas têm a escolha entre quatro linhas principais:

I. 5. Cxe4, II. 5. cxd5, III. 5. Bf4. IV. 5. Bh4.

I

5. Cxe4

Esta troca não é favorável às brancas, pois o Pe4 impede o desenvolvimento natural das suas forças.

5... dxe4 6. Dd2

6. e3 c5 7. Dd2 Bg7 8. Ce2 0-0 não é melhor; por exemplo 9. Cc3 cxd4 10. exd4 f6! 11. Be3 f5 12. Cd5 Cc6 (O'Kelly-Pachman, XI Olimpíada, Amsterdão 1954) ou 9. d5 h6 10. Bh4 g5 11. Bg3 Bf5 12. Cc3 Cd7 13. Be2 Db6! (Szalay-Varnusz, Hungria 1972); em ambos os casos as negras têm vantagem. Depois



J. Estrin
(da revista «Schach»)

de 9. 0-0-0 h6 10. Bf4 f5 11. h4 Cc6 12. Rb1 Db6 13. dxc5 Dxc5 14. Dd5+ Dxd5 15. cxd5 Ce5 16. Cc3 Td8 17. Be2 Bd7 as negras têm também um belo jogo (Peev-VI. Popov, Camp. da Bulgária 1963).

6. Da4+ c6 7. e3 Bg7 8. Da3 Cd7 9. Ce2 também não dá nada às brancas. Depois de 9... h6 10. Bh4 g5 11. Bg3 e5 12. Cc3 f5 13. Be2 De7 14. Dxe7+ Rxe7 15. dxe5 Cxe5 as negras têm vantagem (Szilagyi-Szallay, Camp. da Hungria 1964).

6... Bg7 7. 0-0-0 h6

7... c5 é também jogável; se 8. dxc5, então 8... Dxd2+ 9. Txd2 Be6 10. e3 Ca6 11. c6 bxc6 12. Ch3 h6 13. Bh4 g5 14. Bg3 0-0 com vantagem das negras (Kunsevich-Kutyánin,, Moscovo 1955).

A teoria do «livro» diz que 7... Cc6 é mau porque impede o eventual c5. O jogo Lundin-Spielman, Estocolmo 1933, parecia confirmar esta apreciação: 8. e3 Bf5 9. f3! com vantagem das brancas. Todavia as negras devem jogar 8... Dd6!; por exemplo 9. f3 exf3 10. Cxf3 Bf5 11. h3 0-0-0 12. Bf4 e5 13. Bh2 The8, com uma boa posição (Baum-Heffer, 1955).

8. Bf4

Na partida Knaak-Forgacs (Ploesti 1971) as brancas jogaram 8. Bh4; as negras obtiveram um jogo activo com um

súbito 8... b5! 9. cxb5 Dd5. Depois de 10. e3 Be6 11. b3 Dd6 12. Bc4 Bxc4 13. bxc4 a6! 14. Ce2 axb5 15. cxb5 c5! 16. Dc2 Cd7 17. Bg3 De6 18. d5, as negras deveriam ter jogado 18... Db6!, que lhes daria uma perigosa iniciativa.

8... c5 9. d5

Alatortsev - Flohr Leninegrado-Moscovo 1939) seguiu 9. dxc5 Dxd2+ 10. Bxd2 Be6 11. e3 Cd7 12. f3 Cxc5 13. Bb4 Tc8, com uma clara vantagem das negras.

9... b5! 10. cxb5 a6 11. e3 Db6



O jogo por correspondência Meyer-O'Kelly (1957) continuou 12. d6 e6 13. d7+ Cxd7 14. a4 axb5 15. Bxb5 0-0!, com iniciativa negra.

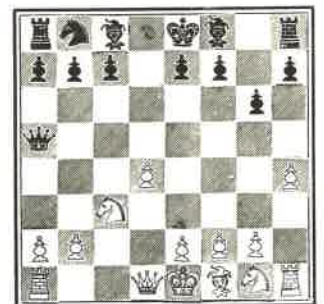
II

5. cxd5

Esta continuação é mais forte que 5. Cxe4 acima analisada, contudo também não traz dificuldades às negras.

5... Cxc3

Um outro método é 5... Cxg5 6. h4 Ce4! (6... c6 7. hxg5 cxd5 8. e3 Cc6 é pior, devido a 9. Db3 e6 10. f4 com melhores perspectivas para as brancas Chernyak-Simagin, Moscovo, 1966) 7. Cxe4 Dxd5 8. Cc3 Da5.



Aqui as brancas podem escolher entre várias linhas, nenhuma prometendo mais que as outras:

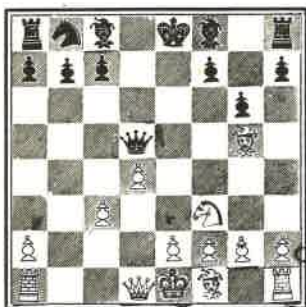
a) 9. h5 Bg7 10. Dd2 (ou 10. hxg6 hxg6 11. Txb8+ Bxb8 12. e3 Be6 13. Ce2 Bc4 14. Cf4 Bxf1 15. Rxf1 com igualdade, Liental-Ilivitsky, Parnu 1955) Cc6 11. e3 Bf5 12. h6 Bf6 13. e4 Cxd4! 14. exf5 0-0-0 e as negras têm ataque esmagador. Se 15. Td1 Cb5! é forte.

b) 9. a3 c5 10. Tc1 Bg7 11. dxc5 0-0 12. e3 Be6 13. Ce2 Cc6. Depois de 14. h5 Tfd8 15. Da4 Dxc5 16. hxg6 hxg6 17. Cf4 Bf5 as negras obtiveram vantagem (Shashin-Nei, Erevan 1965).

c) 9. e3 Bg7 10. Bc4 c5 11. Df3 (o

11. h5 0-0 12. hxg6 hxg6 13. Rf1 cxd4 14. exd4 Cc6 e as negras têm vantagem, Simkin-Spassky, Camp. de Juniores da URSS, 1950) 0-0 12. Ce2 cxd4 13. exd4 Cc6 com vantagem das negras, Canal-Gligoric, IX Olimpíada (Dubrovnik 1950).

6. bxc3 Dxd5 7. Cf3



7... c5

7... Bg7 leva usualmente a uma transposição de jogadas; entretanto as brancas podem tentar outros métodos contra 7... Bg7; por exemplo:

8. Db3 Be6 9. Dxd5 Bxd5 10. Cd2! c5 11. e4 Bc6 12. d5 Bd7 13. Tc1 e6 (Mikenas-Landau, Kāmeri 1937). Aqui as brancas poderiam obter vantagem com 14. Cc4! (sugerida por M. Euwe).

8. Da4+ Bd7 9. Da3 Cc6 10. e3 h6 11. Bh4 e as negras estão forçadas a jogar 11... Dd6, pois 11... Da5? custaria um peão, depois 12. Bxe7!, como na partida Taimanov-Kozma (Oberhausen 1961).

8. e3 Bg4 9. Be2 Cc6 10. Bh4 0-0 11. 0-0 Tfe8 12. Bg3 e5 13. h3 Bf5 14. Da4 com melhores perspectivas para as brancas (Simagin-Korchnoi, XX Camp. da URSS 1952).

8. e3 Bg7

Depois de 8... cxd4 as brancas devem jogar 9. Dxd4! Dxd4 10. cxd4 já que a troca das damas as favorecem, por exemplo 10... Cc6 11. Bb5 Bd7 12. Tb1! Ca5 13. Re2 e as negras têm dificuldades (Palermo-Sanguinetti, Mar del Plata 1968).

9. Bb5+

9. c4 é prematuro; as negras jogam 9... Dd8! ameaçando tanto 10... Da5+ como 10... Cc6.

9... Bd7

Se 9... Cc6 então 10. Db3; 10. c4 De4 11. 0-0 não é tão forte como 10. Db3, devido a 11... h6 12. Bh4 0-0 13.

Db1 f5, com melhor jogo das negras (Ghițescu-Smejkal, Amsterdão 1971).

10. c4 De4 11. 0-0 Bxb5

Uma importante jogada intermédia. Se 11... 0-0 de imediato, então 12. Db1! De6 13. a4 Bxb5 14. Dxb5 b6 15. a5 com vantagem das brancas (Petrosian-Filip, Bucareste 1953).

12. cxb5 Cd7 13. Tc1 b6



As perspectivas são iguais para ambos (Alekhine-Grunfeld, Viena 1922).

III

5. Bf4

Depois desta jogada as negras têm também um bom jogo.

5... Cxc3 6. bxc3 Bg7

K. Grygoryan-Tukmakov (XXXIX Camp. da URSS 1971) continuou 6... dxc4 7. e3 Be6 8. Tb1 b6 9. Cf3 Bg7 10. h4 h6 11. e4 Cd7 12. Da4. As brancas recuperaram o peão e igualaram o jogo.



7. e3

7. cxd5 conduz à igualdade, por exemplo 7... Dxd5 8. Cf3 (8. Bxc7? Dc6 9. Ba5 b6 10. Bb4 a5 e as negras ganham) 0-0 9. Db3 Da5 10. e3 c5 11. Bc4 cxd4 12. exd4 Cc6 13. 0-0 Df5 (Bronstein-

-Suetin, XXXIII Camp. da URSS 1965). Ou 8. e3 (em vez de 8. Cf3) Da5 9. Dd2 c5 10. Cf3 Cc6 11. Be2 0-0 12. 0-0 cxd4 13. cxd4 Dxd2 14. Cxd2 e5, com bom jogo das negras (Petersson-Olafsson, XV Olimpíada, Varna 1962).

Depois de 7. Cf3 0-0, 8. c5 é duvidoso (8. Db3!) devido a 8... b6 9. cxb6 axb6 10. e3 Ba6 11. Bxa6 Txa6 12. 0-0 Dd7! 13. Dc2 Dc6 com posição preferível das negras (Botvinnik-Illivitsky, XXXII Camp. da URSS 1955).

7... c5 8. Cf3 0-0

O imediato 8... Cc6 é também bom, por exemplo 9. cxd5 Dxd5 10. Be2 0-0 11. 0-0 cxd4 12. cxd4 Bf5 13. Da4 Da5! 14. Db3 Db4 15. Dxb4 Cxb4 com igualdade (Kaunas-Gutman, Vilnius 1971).

9. cxd5

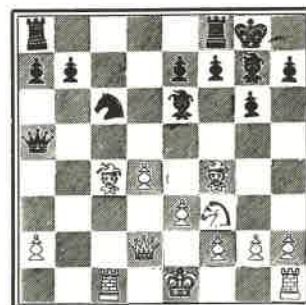
Ou 9. Be2 Da5 10. Dd2 dxc4 11. Bxc4 Cc6 12. Tb1 b6 13. 0-0 cxd4 14. exd4 Ba6. O jogo está mais ou menos igualado (Levenfish-Alatortsev, Moscovo 1935).

Além de 9... Da5, 9... dxc4 merece atenção, por exemplo 10. 0-0 Cc6 11. Bxc4 Bf5 12. Tc1 Tc8 13. Da4 a6, com uma boa posição para as negras. (Balcerowsky-Gligoric, Moscovo 1973).

9... Dxd5 10. Be2 cxd4 11. cxd4 Da5+ 12. Dd2 Cc6

Nas partidas Korchnoi-Uhlmann (Buenos Aires, 1960) e Taimanov-Hort (Harachov, 1966 as negras igualaram depois de 12... Dxd2+ 13. Rxd2 Cc6.

13. Tc1 Be6 14. Bc4



Damjonovic-Smejkal (Varna 1971) continuou 14... Bxc4 15. Txc4 Da6 16. Tc5 Tac8 17. De2 Da3 18. 0-0 b6 com igualdade.

(Continua no próximo número)



BANCO
NACIONAL
ULTRAMARINO

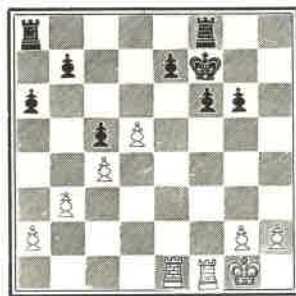


Bloqueio: a ruptura

Ao iniciar, no passado número, esta série de artigos sobre posições de bloqueio, indiquei que elas se podem forçar, basicamente, por três processos: o **zugzwang** (de que dei então um exemplo), as rupturas e os sacrifícios.

Para ilustrar o segundo destes casos, escolhi um caso retirado da minha própria experiência... e experiência, aliás, algo «dolorosa», porquanto, ao tratar-se de uma partida por correspondência, passei quase um ano a «sofrer», sem poder reagir, «enquanto nuvens negras se acastelavam no horizonte», como acho que já li algures...

A partida pertence às semifinais do XI Campeonato do Mundo. De brancas, J. KALISH, um dos mais fortes jogadores norte-americanos de xadrez postal (quarto tabuleiro da equipa que actualmente disputa a final da VIII Olimpíada), pelo que ainda hoje me custa a crer que tenha sobrevivido à posição do diagrama.



23. Te6 Tad8 24. Tb6 Td7 25. g4 g5 26. Rg2 Th8 27. Te1 Th4 28. h3 Th8 29. a4!

O bloqueio deve ser forçado por uma ruptura, seja em h4, seja em b4 (se não combinado com outras acções, d5-d6 só serve para libertar as pretas da fraqueza em e7). Como as negras nada podem fazer senão esperar, as brancas aproveitam para avançar o peão a a5. Conseguem com isso insistir na debilidade b6, ao mesmo tempo que colocam o peão numa situação menos vulnerável e propícia a uma eventual «corrida» a dama, para quando o jogo se abrir.

29... Tb8 30. a5 Tg8

«Que fazer?», interrogar-se-ia Lenine...

31. Rg3 Th8 32. Th1 Th4!

O ponto de exclamação vai mais apostado à psicologia do lance do que ao facto

de impedir a ruptura em h4. Ao analisar a partida não cheguei a conclusões definitivas sobre 32... Rg7 33. h4 gxh4+ 34. Txh4 que, de qualquer forma, dá grandes possibilidades às brancas. Por exemplo: 34... Txh4? 35. Rxh4 Rg6! 36. g5 Rg7! 37. Rh5 fxc5 38. Rg4! Rg8! 39. Rxc5 Rf7! 40. Rf5 Tc7 41. Re5 Td7. As negras conseguiram a melhor posição para arrostar com 42. d6 mas, mesmo assim, não têm salvação: 42... exd6+ (42... e6 43. b4 cxb4 44. Txb4, **zugzwang**) Te7+ 43. Rd5 Tc7 (43... Te3 44. Td7+) 44. Th6! Rf8 (44... Rg7 45. Tb6 e 46. Rd6) 45. Th8+ Rg7 46. Tb8 Rf7 47. Rd6 Tc6+ 48. Rd7 e ganham. As melhores hipóteses de defesa residem em 42... Tb8, para se 43. Rf4 Td6! 44. Txd6 exd6, e as pretas ocupam a tempo a vital coluna e. Porém, as brancas dispunham de 43. Th2 ou 43. g5! fxc5 44. Te4.

Nesta linha o meu diagnóstico, embora reservado, não era conclusivo, pois havia hipóteses de salvação com 44... Rf7 45. Rg4 Tg8 46. Te5 Th8 47. Tf5+ Rg7 48. Txc5+ Rf7 49. Rf5 Th1 50. Tg4 Te1 51. Te4 Tf1+ 52. Re5 Th1! (52... Tf6? 53. Tf4!). Poderão as brancas melhorar a variante? Talvez; mas o fundamental de 32... Th4! está como já disse, num motivo psicológico: **provocar** 33. b4, contra o qual me parecia ter descoberto a defesa eficaz!... 32... Th4! dá às brancas um importante tempo para as complicações resultantes da ruptura em b4, pelo que é um «canto de sereia» a que se torna difícil de fugir... Em contrapartida, se 32... Rg7, as brancas não só dispunham de 33. h4!?, como podiam descobrir a ruptura em b4 que me parece realmente decisiva!



33. b4?

Aparentemente ganhante, pois as negras perderão uma jogada a retirar a Th4 e, na consequência, o «fininho» do lance

36 ganha um segundo tempo, o que parece decisivo... mas não é.

O plano que eu realmente receava consistia na manobra Te1-Te3, seguido da transladação do rei até d3 e só então b3-b4. Por exemplo: 33. Te1 Th8 34. Te3 Rg7 35. Rf2 Rf7 36. Re2 Tc8 37. Rd3 Tdc7 38. b4 (38. Re4 Rg6) cxb4 39. Txb4 Rg7 40. Rd4 Rf7 41. Tc3 Td7 42. Tb6 (42. c5? Tcc8) Tdc7 se 42... Re8 43. Tcb3 Tdc7 44. T3b4 ou 43... Tcc7 44. c5! Rd8 45. d6! cxd6 46. cxd6 Tc8 (46... Tc6 47. Txc6 bxc6 48. Tb8++) 47. Rd5 Tb8 48. Txa6, e ganham. Outra possibilidade de defesa seria atingir a mesma posição com o adversário a jogar, para o que, anteriormente, se teria continuado com 40... Rf8 41. Tc3 Td7 42. Tb6 Rf7, mas também aqui triunfavam as brancas, com 43. Tcb3 Tdc7 44. Tbb4! Th8 45. Txb7 Txb7 46. Txb7 Txh3 47. d6 Re6 (47... Tg3 48. d7 Txc4+ 49. Rc5 ou 48... Th1 49. Tb3) 48. d7 Th1 49. Rc5 Td1 50. Rb6 Txd7 51. Txd7 Rxd7 52. c5! Rc8 53. Rxa6 e5 54. Rb6 e ganham, pois o peão coroa com xeque 43. c5 Re8 44. c6 Rd8 (44... bxc6 45. dxc6 Ta8 46. Rc5 Rd8 47. Tb7 Rc8 48. Rb6; 44... Tb8 45. Tcb3) 45. Rc5! Rd8 46. Tcb3 Tb8 47. Txa6, ganhando.

33... cxb4 34. Tb1! Th8 35. T1xb4 Tc8 36. Rf3!

Muito mais forte do que 36. Txb7 Txb7 37. Txb7 Txc4 38. d6 Td4 39. Txe7+ Rf8 40. Ta7 Txd6 41. Rf3 Te6, e o rei branco encontra a passagem cortada.

36... Tdc7 37. Txb7 Txb7 38. Txb7 Txc4 39. d6 Td4 40. Txe7+ Rg6!!

O quid de toda a defesa. Perdia 40... Rf8? 41. Ta7 Txd6 42. Re4 Re8 43. Rf5 Td5+ 44. Rxf6 Txa5 45. h4!! gxh4 46. g5.

41. d7 Td3+! 42. Re4 Td6 43. Rf3 1/2:1/2.

Uma possível continuação seria 43... Td3+ 44. Re2 Td6 45. Re1! Rh6 46. d8D Txd8 47. Te6 Rg6 48. Txa6 Th8 49. Rd2 Txh3 50. Ta8 Ta3 (também serve 50... Rg7 51. a6 Tg3 52. a7 Ta3, e quando o rei branco avançar leva repetidos xeques por trás, pois não dispõe do refúgio em a7) 51. a6 Ta2+ 52. Rc3 Ta3+ 53. Rb4 Ta1 54. Rb5 Tb1+ 55. Rc6 Tc1+ 56. Rb7 Tb1+ 57. Ra7 f5! 58. Tg8+ Rf7 59. Txc5 fxc4 60. Txc4 Re7 61. Td4 Tb2, com empate teórico.

ALVARO PEREIRA

Leia, assine e divulgue a

**REVISTA
PORTUGUESA
DE XADREZ**